
Quem São os Especialistas que Falam: análise do gênero de pesquisadores nas reportagens do jornal Zero Hora ¹

Évilin Thaoane de Matos CAMPOS²
Francisco de Paula Rocha AMORIM³
UniRitter, RS

RESUMO

O presente artigo analisou reportagens publicadas no jornal diário Zero Hora. Dessas, 36 contemplam falas ou informações de especialistas. O material separado foi submetido à análise de conteúdo quantitativa buscando identificar o gênero dos pesquisadores entrevistados. 22 reportagens se valeram de fontes masculinas, em três casos mulheres foram ouvidas e 11 vezes ambos os gêneros comentaram nas matérias.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; gênero; fonte de informação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisou reportagens publicadas no mês de janeiro de 2019 no jornal impresso Zero Hora, veiculado diariamente no Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre. As matérias que continham declarações ou informações obtidas por meio de entrevistas com especialistas foram submetidas à análise. O estudo pretende identificar a incidência do uso de mulheres cientistas no jornalismo diário. Para isso, as reportagens com informações de especialistas foram submetidas a análise de conteúdo para detectar quantitativamente a ocorrência de homens e mulheres entrevistados.

Quando feminino na imprensa é alvo de estudos uma simplista consideração é desenvolvida em curto prazo: sem protagonismo. Pinto (2003) quando se debruça sobre os canais feministas no Brasil reconstrói a história do jornalismo no século XX. As intelectuais que escreviam artigos em periódicos também criaram suas próprias publicações destinadas para mulheres. As revistas femininas da época eram de propriedade masculina, escreviam e gerenciavam as publicações.

Em relação ao profissional, Santos; Temer (2016) relembram a ousadia de pioneiras na imprensa. As pesquisadoras apontam que as jornalistas precisavam assinar suas reportagens com nomes masculinos, para sair a campo tinham que vestir roupas

¹ Trabalho apresentado na DT/IJ do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Graduada em Jornalismo pela UniRitter, e-mail evilin.matos.jornal@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UniRitter, e-mail: francisco.amorim@uniritter.edu.br

masculinas para ter acesso às pautas. As performances das jornalistas seriam o embrião do jornalismo investigativo.

Visto a situação desprivilegiada da mulher, o trabalho se vê na função de conferir a que passo a igualdade de espaço entre homens e mulheres existe dentro do jornal. De qual forma a desvalorização feminina persiste no jornalismo (SILVA, 2010). Por fim, pensar em meios de alterar as lógicas patriarcais de submetem o feminino (BUTLER, 2003).

PESQUISA CIENTÍFICA NO BRASIL

A jornalista científica Angela Saini (2018) compila em seu livro-reportagem consagradas pesquisas que definiram o feminino como inferior ao masculino, mas que de alguma maneira foram desmentidas anos depois quando novamente testadas por equipes encabeçados por mulheres. A jornalista norte-americana apresenta que inúmeros erros sobre o desempenho humano foram perpetuados, porque pesquisas científicas foram assinadas, durante séculos, por uma visão de mundo, a masculina.

Se por gerações privilégios garantiram maior espaço aos homens (BUTLER, 2003), a ciência apresenta conquistas significativas para as mulheres. De acordo com o Censo da Educação Superior, publicado em 2016⁴, as mulheres representavam 57,2% dos ingressos em cursos de graduação. A recente pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)⁵ indica que 60% das bolsas de pós-graduação são ocupadas por mulheres.

Tal aperfeiçoamento acadêmico garantiu ao Brasil a primeira posição no ranking de países ibero-americanos em que as mulheres mais publicam pesquisas científicas. Em números, entre os anos de 2014 e 2017, foram publicados cerca de 53,3 mil artigos, dos quais 72% são de mulheres, segundo a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI)⁶.

Mesmo com tamanho êxito, pesquisadoras têm seus trabalhos menos citados do que de seus colegas homens, conforme ressalta o Gender in the Global

⁴ http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf. Acesso: 22/4/2019, às 15h45.

⁵ <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=73971>. Acesso: 22/4/2019, às 15h47.

⁶ oei.org.br/noticia/estudo-da-oei-aponta-conquista-das-mulheres-do-meio-cientifico-no-brasil. Acesso: 22/04/2019, às 15h49.

Research Landscape (2017)⁷. No século XIX, a sufragista Matilda Gage (1826-1898) descreveu o acontecimento de uma mulher ter seu reconhecimento por uma descoberta anulado e transferido a um homem. O termo, efeito Matilda, só viria a ser cunhado em 1993 pela historiadora Margaret Rossiter.

LUGAR DE FALA, FONTES JORNALÍSTICAS

De acordo com Schimtz (2011), existem duas categorias de fontes, sendo elas primárias e secundárias. Para o autor, a primeira está próxima da notícia e pode fornecer informações exclusivas. A segunda complementa a matéria interpretando temas e dados citados. Além das categorias, as fontes de informação são encaixadas em grupos. O pesquisador delimita sete tipos: oficial (função ou cargo público), empresarial, institucional (ONG), individual (fala sobre si), testemunhal, especializada (detentora do saber intelectual) e referência (documentos).

Nem todos os fatos podem ser entendidos ou vistos “a olho nu”, por isso, se faz necessário o contato com fontes capazes de relatar com propriedade os acontecimentos dos quais o jornalista deseja tornar público. Silva (2010) fala sobre a utilização de especialistas:

O uso de fontes é o primeiro modo de agregar valor de “veracidade” e “neutralidade” às notícias. (...) O uso de especialistas como fontes é uma das formas de atribuir caráter de isenção e neutralidade às notícias, bem como de diversidade de “visões”, num processo que visa objetificar a notícia tentando suprimir marcas subjetivas ou mesmo ideológicas (dos profissionais do jornalismo e da empresa) no discurso noticioso (SILVA, 2010, p.38).

Schimtz (2011) completa sua pesquisa qualificando a ação das fontes em proativa (oferecem pautas prontas), ativa (mantêm contato frequente com os jornalistas), passiva (disponíveis) e reativa (repulsa à imprensa). Em relação ao crédito das fontes, o pesquisador as classifica como sigilosas (off) e identificáveis (on).

JORNALISMO DIÁRIO

A história da prática jornalística no Ocidente se depara com fases que têm entre si a utilidade como elo. Começando no império de Júlio César (100 a.C a 44 a.C), com Acta Diurna, o primórdio de um diário oficial. Em seguida, na Idade Média, crônicas com os acontecimentos dos nobres e do clero produzidas por aqueles que tinham algum domínio

⁷ elsevier.com/_data/assets/pdf_file/0008/265661/ElsevierGenderReport_final_for-web.pdf. Acesso: 07/05/2019, às 19h45.

da escrita, o período ficou conhecido como pré-jornalismo. Na Itália renascentista, as folhas volantes ou avulsas atualizavam a população sobre batalhas, assuntos religiosos e notícias da Corte, época ainda entendida como pré-jornalismo, mas mais próxima da atual realidade da função. (SOUSA, 2008).

Inicialmente executado por intelectuais, no século XIX que a imprensa passou a ser pensada de forma crítica. Traquina (2013) aponta que os Estados Unidos e a França foram os primeiros países a investir na instrução acadêmica de Jornalismo. Ele relata que após a Guerra Civil norte-americana (1861-1865), a Universidade Washington e Lee começou a oferecer curso na área. Após doze anos que outras universidades passaram a ofertar o ensino de Jornalismo, como Kansas State College (1873), Missouri (1878) e a Pennsylvania (1893).

Em resposta ao debate da profissão nas instituições de ensino e o desenvolvimento nas redações, processos passaram a ser adotados na construção do fazer jornalístico. Entre eles, estão lead, pirâmide invertida, critérios de noticiabilidade e gatekeeper. Sodré (1998) observa que técnicas jornalísticas norte-americanas foram incorporadas à imprensa brasileira.

As atuais discussões sobre a imprensa se concentram no jornalista, ou seja, condições de trabalho, cultura profissional, gênero, entre outras circunstâncias que podem afetar a produção da notícia.

Estudar a seleção implica, inclusive, rastrear os julgamentos próprios de cada seletor, as influências organizacionais, sociais e culturais que este sofre ao fazer suas escolhas, os diversos agentes dessas escolhas postados em diferentes cargos na redação (SILVA, 2005, p.98).

ZERO HORA

O jornal Zero Hora foi fundado na década de 1950 pelo jornalista Samuel Wainer. Na época, o periódico foi inaugurado com o nome de Última Hora. Em 1967, o Grupo Rede Brasil Sul (RBS) comprou 50% das ações. A aquisição gerou mudanças editoriais e visuais no jornal, entre elas, a alteração do nome, que marcou uma nova fase do veículo (FACCIN, 2009).

Ao enumerar as modificações iniciadas pela empresa, Faccin (2009) revela o empenho em produzir um jornal moderno e com credibilidade: “Zero Hora surge no mercado gaúcho com uma linha editorial que prioriza a democracia e a integração regional, conforme prevê seu estatuto. Seu compromisso alinha-se aos propósitos do grupo RBS” (FACCIN, 2009, p.7). Fonseca (2008) avalia que essas mudanças estavam

ligadas a questões empresariais, o que representa para uma nova etapa do jornalismo de cunho capitalista.

São estratégias de empresa - gestão profissional, inovação tecnológica, marketing. O jornal nessa organização, é o produto que a empresa coloca no mercado, é a sua mercadoria. Em razão disso, seria possível inferir que a ascensão de Zero Hora no mercado deveu-se mais ao acerto dos métodos de gestão da empresa e menos à qualidade jornalística apresentada no início dos anos 1980 (FONSECA, 2008, p.162).

Os esquemas promocionais proporcionaram ao jornal a liderança de veiculação no Estado⁸. Faccin (2009) relaciona o aumento de leitores ao formato jornalístico empregado pelo jornal. Segundo ele, devido a articulações socioculturais do Estado, nas quais os acontecimentos regionais são tidos como mais relevantes. Zero Hora apostou em fortalecer a cultura provinciana da comunidade rio-grandense.

A condição limítrofe do Rio Grande do Sul, as suas peculiaridades geográficas, o seu processo de povoamento e o desenvolvimento da sociedade civil fizeram com que, desde cedo, o sistema de comunicação midiático se desenvolvesse com vínculos locais fortes e profundamente comprometidos com os interesses regionais. Em certa medida, a proximidade dos interesses de certos grupos econômicos, políticos e jornalísticos locais acabam definindo e apontando quais são os interesses regionais do Estado gaúcho (FACCIN, 2009, p.2).

Atualmente, a sede do jornal está localizada em um edifício na Av. Ipiranga. As redações da rádio Gaúcha, jornal Zero Hora e Diário Gaúcho - um periódico dedicado à população periférica da Capital e regiões metropolitanas - e online desses três veículos estão agrupadas no quarto andar do prédio.

O jornal Zero Hora possui cinco editorias “mães”, sendo elas Cultura, Esporte, Notícias Porto Alegre e Sua Vida. Essas editorias abraçam assuntos que de alguma forma se relacionam. No caso, política, econômica, segurança e geral são da responsabilidade de Notícias; Comportamento e Tecnologia são editadas em Sua Vida.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa tem como objetivo verificar o gênero de especialistas entrevistados em reportagens publicadas no jornal Zero Hora. O estudo compreende o mês de janeiro de

⁸ Em 1989, foram contabilizados 130 mil exemplares distribuídos durante a semana e 260 mil no final de semana. Já em 1998, foi considerado o quinto jornal de maior circulação do País. Em 2004, recebeu o Prêmio Comunicação, da Associação Brasileira de Propaganda (ABP), considerando-o veículo do ano. Atualmente, é apontado como o jornal de maior circulação do Rio Grande do Sul com 195,5 mil exemplares impressos e digitais, segundo o site institucional.

2019, sendo excluído da análise os cadernos especiais, uma vez que a delimitação de público, como é o caso da revista feminina Donna, dedicada às leitoras do periódico, poderia alterar os resultados da pesquisa. Além de publicações especiais, o estudo desconsiderou colunas, pois, como explica Aguiar (2006), a elaboração de matérias passa por determinados processos noticiosos que implicam em sua publicação. “As reportagens resultam do trabalho de apuração das informações pelos repórteres, que não se limitam a reproduzir informações ‘vazadas’ por fontes informativas para as redações dos jornais” (AGUIAR, 2006, p.75). Portanto, a amostra da pesquisa é constituída por 36 reportagens.

Para realizar a verificação, foi desenvolvido uma análise de conteúdo baseada em premissas de Laurence Bardin (1977), com abordagem quantitativa.

De acordo com a autora, a análise de conteúdo consiste em três fases cronológicas: pré-análise; exploração do material e interpretação dos resultados. A primeira etapa obedece três processos importantes: escolha dos documentos, hipóteses e objetos. Segundo Bardin (1977), mesmo que os elementos dependam um do outro não é preciso – e às vezes nem possível – um estudo linear. A pesquisadora admite que a segunda fase, exploração do material, é a parte mais exaustiva, mas com ela é possível decodificar as informações. Já na terceira etapa, os dados coletados são transferidos da forma bruta para a interpretação dos resultados.

A análise quantitativa, segundo a autora, é uma pesquisa bastante fiel, uma vez que se desenvolve na observação concreta da aparição de elementos, ou seja, não está sujeita a interpretações.

ANÁLISE DO MATERIAL

Na análise das 36 reportagens com falas de pesquisadores foram identificadas 22 matérias com entrevistados homens. Em onze casos, homens e mulheres acadêmicos foram ouvidos, porém nem sempre em igual proporção. Por exemplo, na reportagem *A maconha e o aumento de homicídios no Uruguai*, publicada na editora de Notícias, no dia 19, havia cinco homens para uma pesquisadora. Na matéria *Dicas para o vestibular da UFRGS*, veiculada em Sua Vida, no dia 3, há um desequilíbrio de perspectivas, uma vez que duas mulheres são ouvidas e oito homens são citados.

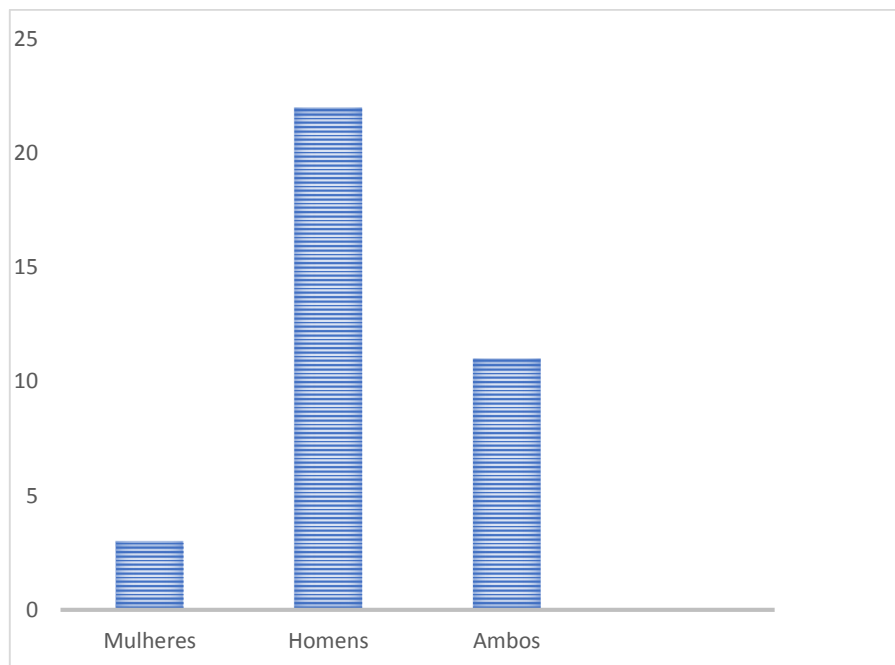
Em apenas três reportagens mulheres pesquisadoras são as únicas fontes. A primeira ocorrência se refere ao tema gênero. São duas matérias na mesma página, produzidas por repórteres diferentes, publicadas no primeiro final de semana do ano, 5 e

6, na editoria Sua Vida. No dia 8, também veiculado em Sua Vida, uma pesquisadora é ouvida sobre Alzheimer.

Exceto em matérias do Enem e vestibular da UFRGS, em que o jornal se vale da perspectivas de professores do cursinho Unificado, não há incidência de especialistas ouvidos para mais de uma reportagem.

Na editoria de Esporte não foi constatado nenhuma matéria que utilize pesquisadores. Em geral, as reportagens são análises dos jornalistas e com falas de fontes primárias, no caso, jogadores e técnicos.

Gráfico 1: Incidência do uso de fontes distribuídas por gênero.



Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 1: Incidência do uso de fontes distribuídas por gênero.

Dados gerais	
Fontes masculinas	22
Fontes femininas	3
Fontes de ambos os gêneros	11

Fonte: elaborado pela autora.

Cultura segue a mesma linha de Esporte, reportagens com perspectivas do próprio jornalista que têm algum grau de domínio do tema e entrevistas com fontes primárias.

Tabela 2: Incidência do uso de fontes distribuídas na Cultura.

Cultura	
Fontes de ambos os gêneros	1

Fonte: elaborado pela autora.

Notícias, por sua vez, mesmo cobrindo temas complexos como política e economia, não se vale com frequência de entrevistas com especialistas. Em geral, usa das falas de ministros e outras figuras públicas.

Tabela 2: Incidência do uso de fontes distribuídas em Notícias.

Notícias	
Fontes masculinas	8
Fontes de ambos os gêneros	4

Fonte: elaborado pela autora.

Porto Alegre cobre temas mais factuais, que impactem diretamente a vida dos gaúchos. Grande parte das reportagens têm relatos de fontes secundárias, moradores da região, parentes de vítimas e posição de algum responsável do governo.

Tabela 3: Incidência do uso de fontes distribuídas em Porto Alegre.

Porto Alegre	
Fontes masculinas	4
Fontes de ambos os gêneros	2

Fonte: elaborado pela autora.

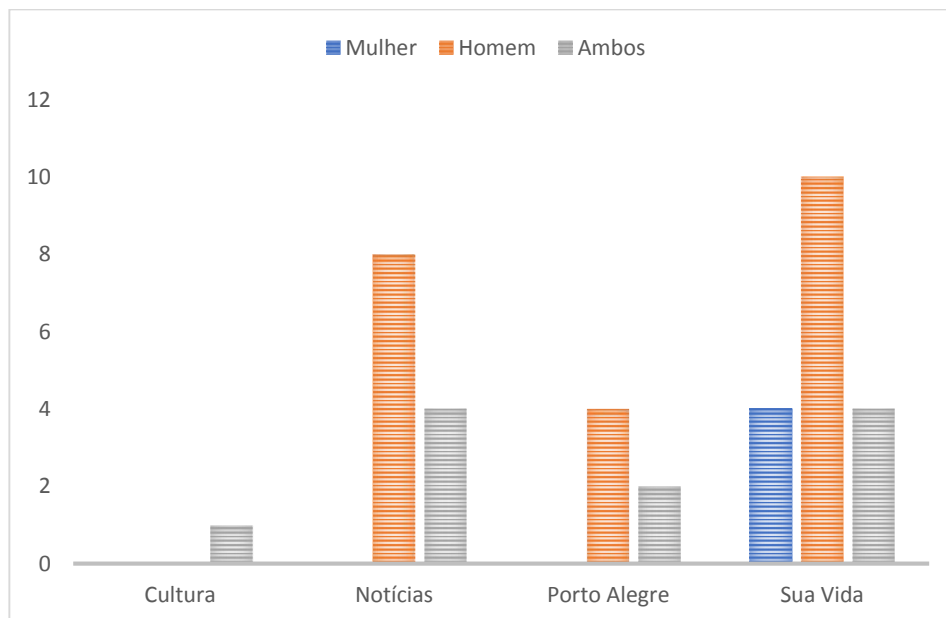
Sua Vida foi a editora que mais entrevistou especialistas. O setor cobre de temas factuais a assuntos mais aprofundados, mas entrevistas especialistas em ambos.

Tabela 3: Incidência do uso de fontes distribuídas em Sua Vida.

Sua Vida	
Fontes masculinas	10
Fontes femininas	3
Fontes de ambos os gêneros	4

Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 2: Incidência do uso de fontes distribuídas por editoria.



Fonte: elaborado pela autora.

CONCLUSÃO

O estudo comprovou que mulheres pesquisadoras têm menos espaço no jornalismo diário do que seus colegas homens. Mesmo havendo mais mulheres pesquisando no Brasil, os homens são mais ouvidos. Lugones (2014) aponta que o imaginário social está coberto por um ideal de ser: homem branco hétero cristão. Devido a construções coloniais que se mostram vivas no cotidiano, pessoas que se encaixam nesse perfil acabam por ser privilegiadas (BUTLER, 2003).

Um das violências submetidas por mulheres é seu silenciamento, o que foi observado no estudo. De 36 reportagens pesquisadas, somente três continham declarações de especialistas mulheres e em áreas culturalmente associadas ao feminino, gênero e

saúde. Onze matérias entrevistaram homens e mulheres, mas nem sempre em igual proporção. Em 22 casos apenas as perspectivas de homens foram levadas em consideração. Tal desequilíbrio altera como a mídia descreve o tema retratado, uma vez que uma visão está anulada.

Se as fontes de informação legitimam uma pauta, como acredita Silva (2010), os produtores da notícia precisam fornecer credibilidade a ambos os gêneros. Contudo, a pesquisa entende Zero Hora como um jornal imerso em um sistema que reproduz tais desigualdades, por isso toda a lógica de produção jornalística precisa ser repensada. Especialistas têm gênero, não é apenas uma pessoa falando, mas sim a escolha consciente de quais perspectivas socioculturais serão trazidas a públicas e quais estarão silenciadas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Leonel de Azevedo. **O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade**: notas introdutórias. v.7, n.13, p. 73 a 84, jul./dez, 2006.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto Pinheiro. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. Tradução Renato Aguiar, 2003.
- ELSEVIER. **Gender in the Global Research Landscape**. 2017. <elsevier.com/_data/assets/pdf_file/0008/265661/ElsevierGenderReport_final_for-web.pdf>. Acesso: 07/05/2019, às 19h45.
- FACCIN, Milton Julio. **Zero Hora, a voz que une os gaúchos**. Fortaleza. VII Encontro Nacional de História da Mídia, 2009.
- FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **Indústria de notícias**: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo. Porto Alegre. Editora da Universidade/UFRGS. 2008.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo. Editora Perseu Abramo, 2003.
- LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Revista Estudos Feministas. v.22, n.3, 2014.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Censo da Educação Superior 2016**: notas estatísticas. Brasília. 2017. <download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf>. Acesso: 22/4/2019, às 15h45.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Mulheres representam 60% dos bolsistas atendidos pela Capes**. Brasília. 2019. <portal.mec.gov.br/component/content/article?id=73971>. Acesso: 22/4/2019, às 15h47.
- ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. Estudo da OEI aponta conquista das mulheres do meio científico no Brasil. Brasília. 2019. <oei.org.br/noticia/estudo-da-oei-aponta-conquista-das-mulheres-do-meio-cientifico-no-brasil>. Acesso: 22/04/2019, às 15h49.

-
- SAINI, Angela. **Inferior é o Car*lho**: eles sempre estiveram errados sobre nós. Darkside. Tradução: Giovanna Louise Libralon. Rio de Janeiro. 2018.
- SANTOS, Marli dos; TEMER, Ana Carolina Rocha Pêsoa. **Jornalismo Feminino**: a mulher jornalista, subjetividades e atuação profissional. XXV Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Junho de 2016.
- SCHIMITZ, Aldo Antonio. **Classificação das fontes de notícias**. Universidade Federal de Santa Catarina. 2011.
- SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e Mídia. v. 2. n. 1. 1º semestre de 2005.
- SILVA, Marcia Veiga da. **Masculino, o Gênero do Jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. 2010. Dissertação (mestrado em Jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro. Editora MAUAD, 1999.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. Universidade Fernando Pessoa. Portugal. 2008.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística. São Paulo. Editora Insular. 2013.